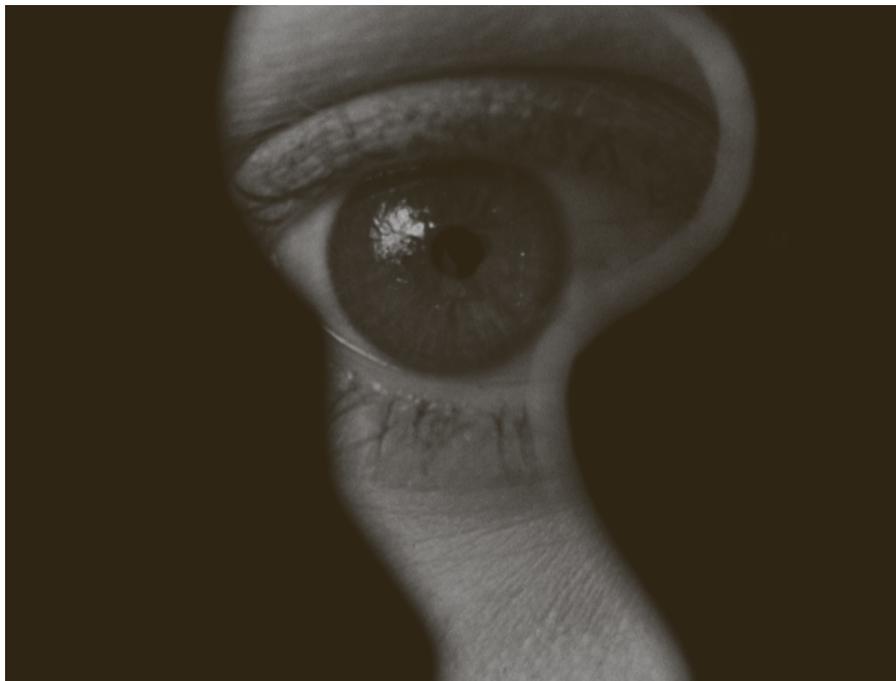


CICLO DE CINEMA
E CONVERSAS

26 OUT 10:00



O SABER DO CINEMA ***ESCOLA DO ESPECTADOR***

UMA PROPOSTA DE PROJEÇÕES E CONVERSAS
DE REGINA GUIMARÃES E SAGUENAIL

O ESTRANHO CASO DE ANGÉLICA

SESSÃO 02

26 OUT, 10:00

UMA PROPOSTA DE PROJEÇÕES E CONVERSAS
DE REGINA GUIMARÃES E SAGUENAIL

O ESTRANHO CASO DE ANGÉLICA, 2010

Manoel de Oliveira | POR, ESP, FRA, BRA | 97'

Realização e argumento: Manoel de Oliveira

Produtores: François d'Artemare, Renata de Almeida, Maria João Mayer, Luis Miñarro e Léon Cakoff

Direcção de produção: João Montalverne

Direção da fotografia: Sabine Lancelin

Câmara: Francisco de Almeida

Montagem: Valérie Loiseleux

Direção de som: Henri Maikoff

Música: Maria João Pires / Frédéric Chopin

Misturas: Joan Olivé

Anotação: Francisco Botelho

Direção de arte: Christian Martí e José Pedro Penha Lopes

Guarda-roupa: Adelaide Maria Trêpa

Pós-produção: Mireia Ibars

Interpretação: Ricardo Trêpa, Leonor Silveira, Pilar López de Ayala, Luís Miguel Cintra, José Manuel Mendes, Isabel Ruth, Sara Carinhas, Adelaide Teixeira, Ricardo Aibéo, Afonso Boito, Susana Sá, Ana Maria Magalhães, Filipe Vargas, Carmen Santos, Paulo Matos, Sofia de Portugal, António Reis, Luís Machado, José Carlos Coutinho...

Produção: Filmes do Tejo II (Portugal), Eddie Saeta S.A. (Espanha), Les Films de l'Après-Midi (França), Mostra Internacional de Cinema (São Paulo, Brasil), com a participação do Ministério da Cultura - Instituto do Cinema e do Audiovisual (Portugal), Instituto de la Cinematografía y de las Artes Audiovisuales (Espanha), Centre national du cinéma et de l'image animée (França), Fundação Calouste Gulbenkian, Programa Ibermedia, Ministério da Cultura do Brasil, RTP

Cópia: Cor, a exhibir em formato DCP

Duração: 97'

Países: Portugal / Espanha / França / Brasil

*Ali, ó lírio dos celestes vales!
Tendo seu fim, terão o seu começo,
Para não mais findar, nossos amores.*
Antero de Quental, in *SONETOS*

*Quando me deito ao pé da minha dôr,
Minha Noiva-phantasma; e em derredor
Do meu leito, a penumbra se condensa,
E já não vejo mais que a noite imensa,
Ante os meus olhos íntimos, acêsos,
Extaticos, surprêsos,
Aparece-me o Reino Espiritual...
E ali, despido o hábito carnal,
Tu brincas e passeias; não comigo,
Mas com a minha dôr... o amôr antigo.*
Teixeira de Pascoaes, in *ELEGIAS*

O cinema é o espelho da vida.
Arturo Ripstein, muito amiúde citado por
Manoel de Oliveira

Antes da obra estreada em 2010 (tinha então o seu autor 102 anos de idade) ANGÉLICA foi, durante umas décadas, o título do mais mítico projecto de filme não-realizado de Manoel de Oliveira. Certamente aquele que mais alimentou conversas cineclubistas e cinéfilas nos círculos portuenses. O inaudito argumento não terá (compreensivelmente) sido bem acolhido pela censura, porventura em razão duma mistura explosiva (e chocante) de ingredientes dum fantástico macabro (intrusão do anjo da morte no mundo dos vivos) com tópicos de realismo social (a dureza do trabalho rural nas abrutadas terras durienses) e tópicos relativos à brutal exclusão de grupos humanos (a condição dos judeus e o anti-semitismo “soft” disseminado entre gentes “de bem”).

Recorde-se que 14 anos separam a realização da longa-metragem ANIKI-BOBÓ do documentário O PINTOR E A CIDADE em torno do trabalho do aquarelista portuense António Cruz...

II

Nos idos de 88 do século XX, a Cinemateca Portuguesa publica *Alguns projectos não realizados e outros textos de Manoel de Oliveira*, livro que compreende a planificação de ANGÉLICA (1952) e de outros projetos que ficaram na gaveta do cineasta, como sejam BRUMA (1931), OS GIGANTES DO DOURO (1934), PROSTITUIÇÃO (1940) e SALTIMBANCOS (1944).

No início dos anos noventa, o guião do filme também é dado à estampa num volume intitulado *Angélica (1954): un découpage* pela editora francesa Dis-Voir (Paris). No respetivo prefácio, o cineasta descreve de que modo o falecimento duma prima de sua esposa Isabel Carvalhais o inspirou. A beleza da defunta, uma jovem recém-casada, levou a família próxima a pedir a Manoel de Oliveira (que tinha sempre a sua velha Leica no porta-luvas do carro) que fotografasse a falecida: «A minha câmara era uma Leica anterior à guerra, cujo foco era obtido através de um visor onde a imagem se desdobra e se sobrepõe [...]. Este exercício específico de foco deu-me a estranha impressão de ver uma alma a sair do corpo».

Em 1992, numa sequência do documentário «Oliveira, l'Architecte» (realizado por Paulo Rocha para a colecção *Cinéastes de Notre Temps / Cinéma de Notre Temps*, produzida por Janine Bazin e André S. Labarthe), Manoel de Oliveira conta pormenorizadamente ao seu amigo o episódio vivido que está na base de ANGÉLICA, e mostra-se desolado por nunca ter levado a bom porto esse projeto.

Já no século XXI, o produtor brasileiro Leon Cakoff levou Manoel de Oliveira a retomar o projecto de ANGÉLICA. O cineasta manteve o núcleo duro e a paisagem emocional da história antiga, hibridizando algumas das suas componentes, por lhe parecer que, num mundo em guerra, a figura do refugiado, encarnada por seu neto Ricardo Trêpa (judeu escapado à Shoah), não perdeu atualidade.



III

N'O ESTRANHO CASO DE ANGÉLICA, Oliveira casa o artifício de Méliès (nomeadamente nas cenas fantasmagóricas que compreendem aparições arrebatadoras e voos arrojados) com a atenção à realidade que a objetiva redescobre dos Lumière e seus operadores (mormente em todas as cenas consagradas às tradições do trabalho rural no Douro ou, noutro registo, a descarada inclusão da paisagem atual de Peso da Régua, num filme em que os elementos anacrónicos abundam e os mistérios ancestrais têm como adjuvantes bruma, breu e chuva capazes de camuflar a modernização das paisagens durienses). Esta mistura, só aparentemente “naíve” de tempos, lugares e costumes com momentos mágicos, territórios oníricos, fantasias travestidas de realidade, é uma marca do cinema de Oliveira, particularmente evidente neste filme não isento da nostalgia enquanto força transfiguradora.



IV

O estranho caso de Isaac (ascensão e queda angélicas) reflecte inequivocamente a inquietação de Oliveira perante a morte, mas não menos o desejo de a conhecer no sentido bíblico.

Por outro lado, o cinema é uma poderosa máquina de ressuscitar. A defunta Angélica abre os olhos sedutoramente infantis e sorri graças à magia da objetiva como, em ORDET de Carl Dreyer, a severamente linda e bondosa Inger reencontra o caminho da vida abrindo, «naturalmente», os olhos perante uma plateia abismada com o milagre. A exaltante morte cinematográfica não é um lugar sem regresso. O cinema desafia os limites da fé...

O radicalmente estranho caso de Isaac (mais densamente obscuro do que a condição angélica da heroína) é extensível, se o examinarmos segundo essa ótica, ao estranhamento de todo o homem que pensa e pasma, ao sentimento de ser estrangeiro, exilado, expulso do Éden, sentimento próprio de todo o humano que se interroga sobre a sua razão de ser como é e estar onde está. Porém, mais irrefutavelmente radical e raro é gritá-lo até o mundo pessoal desabar...



V

À medida que a sua obra se impôs à escala planetária como incontornável parêntese na história do cinema, a postura de Oliveira deixou de parecer comparável à dos artistas "naïf". Não por acaso, nos últimos anos da sua vida, após um encontro com o cineasta Arturo Ripstein, o cineasta de bom grado e frequentemente citava uma frase do colega mexicano: «O cinema é o espelho da vida». A leitura radical desta frase falsamente inofensiva perpassa nas cenas finais do seu *ESPELHO MÁGICO* (2005). Com efeito, há que interpretá-la à letra (a literalidade é uma das temíveis armas de Oliveira): a esquerda torna-se direita no espelho e vice-versa, há que encarar a imagem como Alice ao atravessar a superfície espelhada e há que reconhecer que ela reflete um além, inclusive um além em nós mesmos, no preciso exercício de olhar.

Eis a razão pela qual as personagens oliveirianas carregam fardos, valores e missões cujo peso esmagador e cujo alcance simbólico as transcendem. Todas elas são figuras hamletianas: o espectro, que faz as vezes de linhagem, obriga-as a afastar-se do mundo familiar, a enfrentar o outro lado que delas se apoderou.

Quer essa filiação seja explícita ou não, a ficção no autor d'*O ESTRANHO CASO DE ANGÉLICA* inscreve-se sempre no quadro dum passado, duma história, nacional e civilizacional, constantemente reativada pelos músculos da fábula. «Ultraromantismo» camiliano, «saudosismo» ao jeito de Teixeira de Pascoaes, «presencismo» omnipresente via José Régio - atente-se nos livros de cabeceira de Isaac.



VI

Se o motivo central de d'O ESTRANHO CASO DE ANGÉLICA se nos afigura tão intenso é precisamente porque ele joga com elementos tais como:

- a fotografia rouba a alma do fotógrafo
- o despertar da bela adormecida tem como corolário venenoso a morte do príncipe encantado
- a mulher tanto mais fatal quanto angélica
- a arte das imagens encenadas enquanto alimento de ficções possivelmente incontroláveis...

Todas estas componentes provêm dum imaginário, dum fundo cultural comum, porém Oliveira domina a refinada arte de virar as receitas do avesso, transformando o *déjà vu* no nunca visto.

VII

*Ó oliveira da serra
O vento leva a flor
Oh i-o-ai, só ali ninguém me leva!
Oh i-o-ai para o pé do meu amor...*

(Este texto é uma revisitação desenvolvida e acrescentada de uma secção do nosso artigo L'ANGE ET LE GARDIEN, escrito em 2011)

PRÓXIMAS SESSÕES

9 NOV | SÁB | 10H

23 NOV | SÁB | 10H

www.serralves.pt

 /fundacao_serralves

 /fundacaoserralves

 /fundacaoserralves

 /serralves

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto – Portugal

serralves@serralves.pt

Linhas gerais:
(+351) 808 200 543
(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede
fixa nacional.



Apoio institucional

